

## BIBLIOTECAS INFANTIS

CDU 027.625

O século 20, já designado como o século da criança, tem assistido a um extraordinário movimento de interesse à sua volta. A criança é alvo das atenções dos pedagogos, sociólogos, pediatras, bibliotecários e de todos os que sentem que os seus problemas são os problemas de todos nós. Encarando-a, como é óbvio sob aspectos diferentes, são contudo unânimes em reconhecer e dar o devido relevo ao papel primordial que a leitura desempenha no seu desenvolvimento.

Arautos do movimento que se gerou à volta da criança e do livro, os bibliotecários dos Estados Unidos da América, com justificado orgulho, proclamaram-se como os pioneiros da criação dos serviços de leitura infantil. Foram eles, na verdade, os primeiros a atentar na criança e a considerá-la como pessoa que, embora em crescimento, carece de tanto ou mais atenção na iniciação da leitura e dos livros extra escolares.

Paladinos desta nova cruzada, as bibliotecárias americanas, para melhor dizer, lançaram-se entusiasticamente na realização desta empresa tão meritória e digna de admiração e realizaram uma obra notabilíssima dentro do campo das bibliotecas. A seu exemplo muito se tem feito em quase todos os países do mundo, mas nada que se lhes possa comparar, quer na grandeza do empreendimento, quer na vastidão do seu alcance.

Indiscutivelmente se compreende que a criança — "o pai do homem" como já lhe chamou o grande poeta inglês Wordsworth — necessita de ser iniciada e orientada nas suas primeiras leituras; que, sendo a aspiração comum de todos os povos uma sociedade constituída por elementos cultos e conscientes, essa preparação haja necessariamente de começar logo pela infância, pondo ao alcance livre de todas as crianças os livros que a maioria não possui e desconhece até.

Por toda a parte e com o toque de clarim que os Estados U-

nidos da América lançaram; só e incompreensivelmente se não faz ouvir, por enquanto, em Portugal. As nossas crianças continuam a estar esquecidas, preocupados que andam os seus mais directos responsáveis — professores e pais — apenas com o aproveitamento escolar, esquecendo que na base desse bom aproveitamento deve estar um vasto substracto de leitura que permita à criança um maior discernimento intelectual, de fontes mais ricas e variadas.

O nosso ensino primário é ainda, contra a actual corrente pedagógica, muito cingido aos livros de texto, aos compêndios. A criança portuguesa faz uma instrução primária à base da memória e da repetição. Poucos anos depois de sair da escola, já mal se lembra do que lá aprendeu, se não tiver a felicidade, ainda rara entre nós, de prosseguir os estudos. Ao deixar a escola a maioria das nossas crianças está condenada ao regresso à ignorância. Ora é este perigo que urge debelar por todos os meios com vontade pertinaz, recorrendo a todas as forças da nação para realizar uma obra de verdadeiro e perene ressurgimento cultural, para honra e prestígio do nosso povo.

Esta obra tem de começar pela base e quer isto dizer pelas crianças de hoje que serão os homens de amanhã. E dentro da alta missão educativa que esta tarefa implica a biblioteca infantil é chamada a desempenhar papel de primordial importância e que só por ela pode e deve ser desempenhado.

Se os livros e a leitura são influências eficazes na vida do adulto, quão mais poderosas elas não serão na vida da criança, tábua-rasa pronta a aceitar tudo o que nela se queira imprimir! Diz o povo, na sua judiciosa sabedoria, que de pequenino se torce o pepino, que, portanto, é de pequenino que se formam os hábitos de uma vida inteira. Criar, por conseguinte, na criança o hábito da leitura, proporcionando-lhe os melhores livros para uma melhor formação, educá-la e ao mesmo tempo recreá-la é nossa obrigação e finalidade primária da biblioteca infantil.

Manuela Nogueira  
Lisboa, 5 de Maio de 1964